

LOPES JÚNIOR, Orivaldo Pimentel. **O espelho de procrusto: ciência, religião e complexidade.** Natal, EDUFRRN, 2013. 200 p. (The mirror of Procrust: science, religion, and complexity)

RESENHA

Janaína Alexandra Capistrano da Costa¹

A perspectiva da complexidade, cujo o principal teorizador é o pensador francês Edgar Morin, constitui-se numa referência ainda pouco abrangente no cenário acadêmico brasileiro². No entanto, trata-se de um referencial promissor no relativo a lidar com muitos desafios que surgem durante o trabalho de pesquisa dos cientistas sociais. Especialmente no que diz respeito ao núcleo desse trabalho que é a relação sujeito/objeto, pois, diferentemente do paradigma científico moderno, que propala uma disjunção assimétrica entre essas esferas, o cognoscente sobre o cognoscível, a teoria da complexidade propõe uma interação entre as mesmas, onde as diferenças entre elas são trabalhadas na horizontalidade e não na verticalidade hierárquica. Para tanto, esse referencial disponibiliza o recurso conceitual da “interação dialógica”, que significa tratar dos elementos que através da lógica indutiva nos parecem contraditórios ou incertos, como elementos explicativos pertinentes. O autor do livro que hora resenhamos, parte dessa perspectiva para refletir sobre as relações entre ciência e religião, as quais são frequentemente permeadas por questões da ordem da definição do objeto e da neutralidade

¹Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Assistente da Universidade Federal do Tocantins, Brasil. Universidade Federal do Tocantins. Tocantins. Brasil. E-mail: janacapis@gmail.com

²Pouco abrangente aqui é uma ideia que está menos relacionada à quantidade de pesquisas já realizadas sob essa perspectiva, do que ao reconhecimento da validade desse referencial pelas estruturas hierarquizadas do campo científico. Em pesquisa sobre teses e dissertações que versam, especificamente sobre a teoria da complexidade nos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, Ruiz (2015) demonstra haver uma pulverização geral desses trabalhos e uma concentração maior no Rio Grande do Sul, em São Paulo, com destaque para PUC-SP, onde Edgard Assis de Carvalho, prefaciador do livro aqui resenhado, desenvolve pesquisas e realiza publicações há alguns anos sob a ótica da complexidade. Outro destaque é a região nordeste com protagonismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, aonde trabalha o autor Lopes Junior (2013).

científica. Tais questões manifestam-se no ainda candente -ou pendente- debate acerca do fim do fenômeno religioso e dos alcances da secularização³. Sendo assim, tratamos na presente resenha de uma leitura que merece ser melhor examinada, pois por um lado, aporta elementos teóricos inovadores ao campo científico como um todo, alimentando proficuamente a reflexão epistemológica nas ciências sociais com significativa responsabilidade teórica e analítica. Por outro lado, a obra contribui com o campo de estudos da religião, oferecendo tanto, uma experiência de análise, quanto propostas teóricas para enfrentar a aporia representada pela suposta persistência do referido fenômeno.

Ao evocar o mito de Procrusto⁴ no título do livro, o autor (LOPES JUNIOR, 2013) sublinha a violência com que comumente os cientistas operam o método procurando recortar a realidade, a fim de ajustá-la a conceitos e à suposições causais previamente elaborados. As dificuldades vividas pelos pesquisadores na hora de definir de maneira fechada o conceito de religião, principalmente diante das diferenças culturais, são sintomáticas desse procedimento. O espelho dessa figura mítica, portanto, representa não só o reflexo do paradigma supracitado, como também a epistemologia que pode emergir a partir dessa imagem. Assim, Lopes Junior (2013) sinaliza desde um primeiro momento seu distanciamento de uma visão empobrecedora do mito que o concebe como falsidade e ideologia, aproximando-se da ideia de que o mito constitui uma potência permanente e inesgotável de significados em associação com o simbolismo e a magia.

Tal posicionamento enunciado pelo autor acha-se afinado com a ideia de que a presença do pensamento mítico não exclui necessariamente o pensamento racional e ambos podem nutrir positivamente a experiência humana. Esta ideia apoia-se na interpretação oferecida pelo pensamento complexo, segundo a qual, na aurora das primeiras civilizações o ser humano constituiu, através da ação e do conhecimento, um “arqui-espírito” onde se baseia uma “unidualidade” entre pensamento simbólico/mitológico/mágico e pensamento empírico/técnico/racional.

³Controvérsia que viceja há, pelo menos, quarenta anos no Brasil, tendo como alguns de seus locutores Rubem Alves, Antônio Flávio Pierucci, Reginaldo Prandi, Marcelo Camurça, Ricardo Mariano, Pierre Sanchis, Cecília Mariz, Paula Monteiro, Emerson Giumbelli e Joanildo Buriti.

⁴Procrusto vivia a caminho de Atenas e oferecia um leito aos transeuntes que rumavam à cidade Estado, ao qual estes deviam se adaptar sob pena de serem adequados à força, o problema é que nunca havia um leito do mesmo tamanho do abrigado.

Esta relação do pensamento de unidade na diferença encontra-se sintetizada na afirmação exemplar de que os povos arcaicos faziam voduns, mas não deixavam de afiar suas flechas (LOPES JUNIOR, 2013, p. 102, 180).

A religião, segundo Lopes Junior (2013), constitui fenômeno característico da tradição do pensamento simbólico/mitológico/mágico, enquanto a ciência seria expressão do pensamento empírico/técnico/racional no contexto da modernidade. Isso não quer dizer, porém, que a ciência não venha acessando e se servindo do simbólico/mitológico/mágico, e a religião vice e versa. Logo, desse ângulo, quando a teoria da secularização e do desencantamento do mundo propala seu movimento inequívoco estaria, ao mesmo tempo, decretando o fim da história para um dos pensamentos, o que seria impossível. Esta impossibilidade já estaria sendo evidenciada pela reprodução do fenômeno religioso nas sociedades contemporâneas, como também pelas limitações do conhecimento científico. Seja para enquadrar a realidade na sua lógica excludente, como, por exemplo, quando o físico Niels Bohr enfrenta o desafio de definir a natureza da partícula subatômica como onda ou corpúsculo e, através de ação de caráter científico, racional, empírico deve admitir, finalmente, a concomitância de ambas naturezas e que essa aparente contradição figura, na verdade, como complementaridade. Seja para dar respostas efetivas a parte dos problemas vivenciados pelas populações, como os da ordem da bioética e os relativos à institucionalização dos dogmatismos religiosos que ameaçam à pluralidade social e o florescimento das democracias⁵.

Em face desse cenário, o autor Lopes Junior (2013) considera que uma reflexão sobre as interfaces, trocas, colonizações, contágios e permeabilidades entre ciência e religião poderá reduzir os preconceitos e conflitos entre essas esferas, além de produzir uma percepção do real mais honesta, capaz de apontar meios de contribuição conjunta para o bem-estar da humanidade. Nisto se resume o trabalho de pesquisa que deu origem à publicação que abordamos aqui, para tanto o autor

⁵Uma rápida busca no arquivo on-line dos últimos 10 anos da Revista Brasileira de Ciência Política revelou apenas cinco artigos que perpassam o tema da religião. O pouco interesse dos cientistas por esse tema transparece ainda na ausência dessa discussão na Sociedade Brasileira de Ciência Política e na sua pouca abrangência no âmbito da ANPOCS. O autor (LOPES JUNIOR, 2013, 176) observa que os estudos da religião no Brasil têm praticamente se dividido em apenas duas comunidades, uma formada por pesquisadores dos programas de pós-graduação ligados ao GT Religião e Sociedade da ANPOCS e outra formada pelos pesquisadores ligados à Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Esse cenário, nos sugere uma adesão à crença na racionalização da vida que transformaria a religião num epifenômeno das ciências sociais.

pensa essas relações pelo prisma das interações dialógicas, ou seja, focalizando a dualidade ciência/religião com base numa “noologia complexa”.

Seguindo seu referencial teórico, Lopes Junior (2013) considera ciência e religião como fenômenos típicos da “noosfera”, uma camada “hiperfísica” composta por um mundo de ideias, que após serem concebidas estabelecem relações prolíferas entre si, adquirindo vida própria. Entretanto, embora isto resulte em certa autonomia dessa camada, ela não deixa de ser dependente, pois se origina nos agentes, se nutre do produto do arqui-espírito destes, quer dizer, possui uma base física comum. Destarte, ciência e religião possuem uma origem compartilhada e se diferenciam na maneira como lidam com a realidade da experiência, (re)produzindo conhecimento e ação.

A hipótese da sobrevivência da unidualidade entre os pensamentos através de diferentes formas de interação entre eles, mais, ou, menos, assimétricas ao longo da história de todos os povos de acordo com cada contexto, é explorada na obra partindo do quadro das relações entre ciência e religião no cenário da pré modernidade, passando pelo estudo dessas relações sob o paradigma científico moderno e chegando à proposta atual de uma ciência pós moderna, que seria capaz de desenvolver uma “parceria cognitiva” com as religiões e seus agentes. O método da noologia, analisa o mundo das ideias, neste caso ideias concernentes à religião e à ciência, do ponto de vista dos espíritos/cérebros humanos produtores de ideias (antropologia do conhecimento) e do ponto de vista das condições culturais da produção destas (ecologia das ideias) (LOPES JUNIOR, 2013).

Na introdução do texto publicado intitulada “o fim da assimilação” (LOPES JUNIOR, 2013 p. 11-22), o autor avalia o quadro das relações entre ciência e religião na pré-modernidade e o qualifica como sendo de assimilação, predominando a tradição religiosa de pensamento na produção e disseminação do conhecimento, sob a guarida do monopólio católico e do Estado absolutista. Ademais, observa que esse padrão de relações sofre profunda alteração a partir do influxo do projeto da modernidade.

Partindo desse contexto, o autor (LOPES JUNIOR, 2013, p. 23-52) adentra o primeiro capítulo nomeado “disjunção simplificação”, considerando estas operações como eixo formativo do paradigma científico moderno. O qual separa ciência e religião e confina estes fenômenos a áreas especializadas da vida; de modo

respectivo uma cuida do corpo habitando o espaço público e a outra cuida da alma exilada no espaço privado. Tais operações estariam demarcadas substancialmente por três características que, por sua vez, delimitariam o campo em que se desenvolveriam outras formas de relação entre ciência e religião, como a “acomodação” e a “complementaridade”, temas do segundo capítulo e do terceiro capítulo da obra, nesta ordem (LOPES JUNIOR, 2013, p. 53-74; p. 75-88).

Uma dessas características é o determinismo mecanicista associado às noções de repetição dos fenômenos e de causa e efeito, amparado pelo ateísmo e pelo agnosticismo, dinamizou o racionalismo científico exaltando, assim, a razão humana como única fonte de conhecimento real. Outra característica é o conseqüente divórcio, que se distingue da diferenciação, entre pensamento racional e pensamento mítico, refletido na construção de uma alteridade entre evoluído e primitivo. Por fim, o desencantamento do mundo como pauta para todas as relações entre os seres humanos e entre estes e seu meio.

A exaltação da razão humana como fonte de todo conhecimento válido teria significado uma hierarquização que colocou a religião numa posição desfavorável, em que muitas vezes parece valer mais à pena apoiar-se na lógica científica para lograr prestígio e legitimidade, do que se desdobrar para demonstrar a validade da sua visão de mundo enquanto produtora de conhecimento. Para o autor, esta postura revelaria uma relação de acomodação que poderia ser identificada em algumas vertentes do protestantismo clássico, onde se teria formado a ideia de que a adequação do pensamento religioso à tríade iluminismo racionalismo científico era sinônimo de vanguarda política e liberalismo teológico (LOPES JUNIOR, 2013, p. 56-68)⁶.

De acordo com o autor, no paradigma disjuntivo a especialização hierarquizante entre esferas gerou reações, comumente conflituosas, que acabaram influenciando a formação de relações de complementaridade, “como princípio mecânico que aproxima duas partes especializadas e assimétricas” (LOPES JUNIOR, 2013, p. 76).

⁶Embora o estudo não mencione, poderíamos aventar que o espiritismo kardecista e a umbanda também estabelecem essa forma de relação com a ciência.

Na dinâmica desse princípio teria se forjado, por exemplo, a Teoria dos dois livros de Martinho Lutero, o livro de Deus e o livro da natureza, ambos teriam o mesmo autor, sendo o primeiro acessado pela razão de cada um e o segundo produzido pela ciência. Outro exemplo, dessa relação seria marcado pela postura de alguns cientistas de creditar que quando não encontram respostas, encontram a Deus.

Por fim, é preciso sublinhar que este é apenas um minúsculo esboço de toda a argumentação desenvolvida pelo autor, em torno de diversas referências provenientes das ciências, filosofia, teologia e artes. Além disso, é importante salientar que assimilação, acomodação e complementaridade são formas de relação não excludentes e interconectadas numa teia de relações. Contudo, na chamada modernidade essas relações são marcadas pela assimetria. Essa assimetria incide como dominação potencialmente conflituosa na relação sujeito objeto que a pesquisa abarca, especialmente quando essa relação envolve religião, e na relação entre esferas como expressão da unidualidade do pensamento. Surgem, assim, inúmeros “pontos cegos” que ocorrem, por exemplo, quando a ciência exclui de antemão a possibilidade de convivência entre a razão e o mito no bojo do fenômeno religioso. Ou quando a religião só consegue ver a ciência como instrumento estratégico de missão e administração e não como ferramenta de autocrítica constante.

No quarto e último capítulo da obra intitulado “interação e dialógica” (LOPES JUNIOR, 2013, p. 89-186) e nas considerações finais, o autor aponta uma saída para essa situação e apresenta seu conceito de “paz dinâmica da dialógica”. De acordo com Lopes Junior (2013), a perspectiva da interação dialógica exige uma revisão da relação sujeito-objeto em que o sujeito sai do seu parêntesis, abandona a crença na neutralidade absoluta e se esforça para conhecer semelhanças e distinções entre ciência e religião, bem como para admitir que explicações aparentemente contrárias não se excluem necessariamente, podendo dialogar. Isso representaria uma abertura para pensarmos numa distinção sem disjunção e em trocas de habilidades no lugar de complementaridade, contribuindo dessa maneira para a horizontalização das relações sem perda identidade. Por meio da dialógica o pesquisador poderia assumir uma postura mais ética e menos belicosa e ainda assim estar comprometido com seu lugar de fala. Nesse sentido, uma das muitas

formas de interação que podem emergir é a da ciência ajudando as religiões a pensarem psicopatologias ligadas aos fundamentalismos, e destas ajudando a ciência a pensar uma ética planetária. Logo, o movimento dialógico seguiria uma dinâmica que não entra no sentido evolutivo como decorrência da vitória dos mais fortes sobre os mais fracos ou como sinônimo de secularização, mas sim como resultado da cooperação entre as espécies com vistas à preservação da vida (LOPES JUNIOR, p. 150).

REFERÊNCIAS

RUIZ, A. B. M. **O estudo da complexidade em programas de pós-graduação no Brasil**: uma análise a partir do pensamento complexo e sua relação com a educação. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015.

Resenha recebida em: 01/11/2019

Resenha aprovada em: 04/02/2020

Resenha publicada em: 11/02/2020